

"HANDLING"

BCP e BES estudam entrada no capital da Groundforce

Bancos privados estão em conversações com a TAP para ficarem com a posição da Globália



Tratamento das bagagens | A operação de "handling" na Portela foi o principal ponto de discordia dos accionistas.

Ana Torres Pereira atp@mediainfinito.pt
Maria João Gago mjgago@mediainfinito.pt

O BCP e o BES estão a estudar a possibilidade de adquirir a posição dos espanhóis da Globália na Groundforce Portugal. Os bancos privados estão em conversações com a TAP, com vista a analisar a viabilidade de entrarem, em parceria, no capital da operadora de "handling", através da compra da posição da Globália, soube o Jornal de Negócios.

Os bancos encaram este eventual negócio como um investimento. Assim, o propósito do seu interesse não será a posterior venda da Globália, pelo menos a curto prazo. As duas instituições poderão vir a concretizar esta operação recorrendo às suas empresas de capital de risco ou a outros veículos vocacionados para a compra de participações empresariais. Os bancos e a TAP, contactados pelo JDN, não quiseram fazer quaisquer comentários.

A Globália, há muito em litígio com a TAP relativamente à gestão da Groundforce, resolveu alienar a sua posição no operador nacional de "handling". Para acelerar esse processo, mandatou a transportadora aérea para que esta encontre um parceiro que esteja interessado em adquirir os 50,01% controlados pelos espanhóis na empresa.

A venda da participação da Globália a instituições financeiras poderá resolver o "problema" de gestão da Groundforce Portugal. A TAP, accionista minoritário e maior cliente da Groundforce, há muito que estava em divergência quanto às ori-

tações de negócio da operadora de "handling", nomeadamente quanto ao enfoque do negócio. O presidente da TAP chegou a dar a entender que a Groundforce estava focalizada na sua expansão internacional, descurando a operação em Portugal, nomeadamente no aeroporto de Lisboa, onde residem todos os problemas.

A transportadora nacional não tem conseguido deixar os últimos lugares do "ranking" em termos de malas perdidas e Fernando Pinto chegou a atribuir parte das "culpas" à forma como a Groundforce estava a ser conduzida pelo então administrador-delegado, Ângelo Esteves. Desde o final do ano que as divergências entre os dois accionistas se

adensaram, o que acelerou a vontade da Globália sair do capital da Groundforce.

Em 2004, os espanhóis foram os candidatos que apresentaram a oferta mais elevada na privatização da SPDH, unidade de "handling" da TAP, hoje Groundforce Portugal. A Globália pagou 45 milhões de euros, deixando a Mota-Engil no segundo lugar. Mais recentemente, o presidente da construtora nacional chegou a manifestar interesse em reanalisar a entrada na Groundforce, uma vontade que esmoreceu. Já a Ferrovial, em declarações ao "Diário Económico", demonstrou interesse em analisar, mas nada ainda aconteceu e a Groundforce continua com um problema por resolver.

TAP admite retomar ligações directas entre Madeira e Europa

→ A TAP admite regressar aos voos directos entre o Funchal e algumas capitais europeias, assim que o aeroporto de Lisboa o permita, avançou Luiz Gama Mor, vice-presidente da TAP, à margem da assinatura de um protocolo com a Associação de Turismo de Lisboa. "O nosso interesse é voltar aos voos directos, mas por enquanto não conseguimos dar essa oferta pela dificuldade do aeroporto", disse Luiz Gama Mor. O responsável reiterou que a TAP não vai terminar com a ligação entre o Funchal e a Europa continental. Tanto é que irá lançar em Abril a ligação Funchal-Madrid, apenas será necessário proceder à mudança de avião. A TAP diz ainda que é possível que os preços aumentem "ligeiramente", uma vez que o aeroporto irá cobrar mais uma taxa que será repercutida na tarifa dos passageiros.

Na passada semana, o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, incitou o Governo a intervir nos serviços de transporte aéreo que a TAP presta à região autónoma, depois da empresa ter anunciado que iria acabar com os voos directos entre o arquipélago e diversas capitais europeias. A decisão da TAP de acabar com os voos directos entre a Madeira e diversas capitais europeias foi justificada com dificuldades operacionais no aeroporto da Portela, em Lisboa.

AGRICULTURA

Concorrência espanhola faz apodrecer batata portuguesa

Filipe Paiva Cardoso

filipecardoso@mediainfinito.pt

Os agricultores do Alto Tâmega calculam que mais de três mil toneladas de batata estão nos armazéns daquela região por vender restando pouco mais de um mês até que o calor ponha toda a produção em risco. A culpa, dizem, é da concorrência espanhola que, "sendo de má qualidade", está a chegar a Portugal a um preço inferior e rotulada como se fosse portuguesa, acusa Armando Carvalho, presidente da Fagrorural - Federação de Associações Agro-Florestais Transmontanas, em declarações ao Jornal de Negócios.

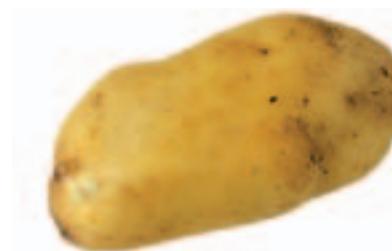
O responsável sublinhou que a situação é "muito preocupante" pois a maioria da produção advém de pequenos agricultores cuja subsistência depende só da produção de batata. E mesmo que haja possibilidade de ser escoada, sublinha Armando Carvalho, os preços

nidos e vários, segundo Armando Carvalho, disseram "ter constatado a entrada de batatas espanholas que são 'transformadas' em batata transmontana e vendidas". Só este grupo de cem produtores tem cerca de 700 toneladas de batatas por escoar.

Fiscalização na fronteira

A Fagrorural vai agora, em conjunto com a Confederação Nacional da Agricultura, pedir à Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte e ao próprio Ministério da Agricultura a tomada de uma série de medidas para, primeiro, prevenir a entrada de batatas espanholas sem controlo e, segundo, procurar o estabelecimento de um preço ao produtor "justo", a rondar os 0,2 euros para a batata, avançou Armando Carvalho.

"É preciso aumentar a fiscalização nas fronteiras, para garantir que as batatas que chegam de Espanha cumprem os mesmos re-



86,8
Quilos

Consumo médio de batata 'per capita' em Portugal, segundo INE.



ao produtor estão "a um nível irrisório" que não compensam sequer os custos de produção. Os preços não ultrapassam os 0,07 euros /quilo – contra os 0,2 euros em 2005 ou os 0,4 euros em 2006 – que, ainda assim, é superior ao da batata que chega de Espanha, cujo preço é de 0,05 euros. "Em Espanha", justifica a Fagrorural, "o Estado apoia e há grandes áreas de cultivo de produção intensiva", algo que permite custos mais baixos mas "batatas de má qualidade".

E os agricultores do Alto Tâmega vão mais longe. Na última semana cerca de cem estiveram reu-

quisitos de qualidade a que estamos sujeitos" diz o líder da Fagrorural, que sublinha que tal "é o que acontece quando somos nós a vender a Espanha".

Prejuízo e despesa

Um outro lado negativo da falta de escoamento é que, além da não venda dos seus produtos, os agricultores ainda serão prejudicados com custos "para que estas sejam enterradas" depois de apodrecerem, diz Armando Carvalho.

Segundo o INE, produzem-se cerca de 570 toneladas de batata em Portugal e o consumo per capita português é de 86,8 quilos.